

CAÇADORES DA ALMA - EP IDENTIDADE

Antônio Terra

Eu sempre me identifiquei com gente, eu sempre gostei de gente. Eu vejo a luz em preto e branco, eu não gosto da cor eu me perco, eu não sou um niilista mas eu não gosto de paisagem. Eu gosto do preto e branco.

Olhar, fazer a luz e você vê o brilho no olho ou inventar a luz que eu quero que brilha essas pessoas. Eu gosto da empatia, da simpatia, do não, do sim da emoção, das pessoas, poder ter uma lente curta e estar perto da pessoa para sentir o cheiro dela, para sentir o que ela quer comigo. Então é gente eu gosto de gente, o produto é muito distante de mim as outras coisas não se movimentam, eu não tenho muito carinho por aquilo não.

Vitor Dragonetti

É uma outra linguagem, o olhar.. você olhar para uma pessoa e conseguir ter uma troca ali. O peso do seu olhar com o olhar da pessoa que você está retratando. Então essa linguagem que não tem palavras que descreva que é só imagem mesmo é que emociona.

Tornaghi

Acostumados a ver a fotografia como a imagem do fotografado. Aqui registramos a sensibilidade do olhar do fotógrafo.

Walter Firmo

Eu seria um leitor dos prazeres na pintura, mas sou fotógrafo.

Silvio Tandler

Você é um descobrir do povo brasileiro. Você revela eles nas suas fotografias.

Walter Firmo

E da forma mais simples.

A minha elegância, digamos assim, é exatamente trabalhar o simples. E tirar desse homem que eu faço de totem, seja operário, seja um homem qualquer .. Basta viver e eu quero interpretá-lo.

Eu vejo o Paulinho da Viola, eu vejo tantos outros... Essa ode que eu fiz à esses cantores da nossa musicalidade do samba, todos trabalhavam na sua simplicidade e eram magistrais, e mágicos de si mesmo. E eu ficava olhando o Cartola, que fiquei amigo do cara por uma sorte minha. Estar sempre junto dele, às vezes, a ponto dele ligar pra mim e dizer assim: “ waltinho, vai ter feijoada domingo, a Zica vai fazer, tu não vai vim ?” eu digo: “posso levar a máquina?”, “ traz máquina, traz o que você quiser.”

Felipe Varanda

Eu acho que as pessoas mudam o mundo, eu acho que a fotografia é um instrumento. A fotografia é um instrumento... pode ser um instrumento de mudança conforme a maneira que você usa. Eu sempre gostei desse jogo de interagir ali com o outro, essa negociação do retrato, de transformar ali às vezes essa troca em um momento plástico, né ?

Volta e meia queria fazer um retrato de um músico, de um diretor de cinema, de um escritor.

William Baglione

Como eu sou um contador de histórias, o meu trabalho autoral de fotografia compreende basicamente isso: Encontrar pessoas e a partir desses encontros extrair da pessoa algum momento que seja um simples registro do momento, ou algo que justifique um elemento de sonho de fetiche. Esse universo me interessa bastante.

Aristides Alves

Eu comecei a tentar lembrar de processos, de imagens, de questões minhas que vem me acompanhando desde a minha infância. Esse processo foi para cor, objeto então eu tive uma influência bem católica, barroca, mineira. Então eu tenho fotos de uma mulher grávida com uma igreja, lembranças daquela época... Minha mãe grávida da minha irmã e outras coisas que vão por aí.

É uma viagem, uma descoberta do corpo. Mas ele vem vestido com o carregado com essa simbologia de objetos e representações culturais ou religiosas, enfim. As coisas que nós vivemos e presenciamos e sentimos com o nosso corpo.

Maria Ribeiro

Quando eu comecei a trabalhar, eu fui para um estúdio de publicidade, eu era assistente lá. E eu comecei a ver como que funcionava essa indústria que cria mulheres irreais. Eu fui tendo muito contato com o feminismo a partir de todos esses os questionamentos, todas essas descobertas, todas essas transformações ... E eu comecei a ver que isso não era um problema único era um problema geral. Então eu quis fazer um trabalho que demonstrasse a importância do feminismo, a importância do autoconhecimento, do empoderamento nesse processo de aceitação da mulher. E aí foi que eu criei o conceito da 9 Madalenas que é um retrato da mulher todos em preto e branco, sem photoshop, artísticos e elas escrevem com batom no próprio corpo uma palavra que para ela sintetiza o feminismo. que representa o feminismo pra elas. E tudo isso é mostrado com muita coragem.

Simone Rodrigues

Eu comecei a me interessar pelo assunto das famílias LGBT porque eu senti falta de ver esse tipo de imagem circulando nas mídias. Então como na realidade eu não via nada disso eu comecei a trabalhar nesse sentido de buscar fotografar pessoas que sendo pessoas comuns, não sendo pessoas do mundo das celebridades, não sendo pessoas famosas, não sendo pessoas ricas, não sendo nada disso eram pessoas comuns, pessoas trabalhadoras, pessoas que são exatamente com quem a gente cruza na rua, com quem a gente convive no nosso trabalho. Como que essas pessoas vivem.

Gustavo Lacerda

Quando eu conheci o primeiro casal que aceitou conversar para ser fotografado eu ainda estava definindo qual que seria o caminho estético do trabalho. Eu sabia que eu queria trabalhar com a questão do albinismo mas não sabia ainda bem o que fazer. E depois eu os convidei para o estúdio, coloquei um tecido de uma forma que eu já estava pensando como

um caminho também como acabou sendo o trabalho, um tecido cenográfico que tinha mais ou menos o tom de pele das pessoas com albinismo. Eles chegaram e viram que tinham algumas opções de roupa que tinham tons pastéis e a princípio era uma opção estética nisso, mas quando eu percebi como foi a reação deles diante disso, e principalmente quando eles chegaram na frente da câmera, eu falei: “opa, eu acho que o trabalho talvez esteja aqui.” Eu senti que criou uma tensão, ao mesmo tempo que era bom estar ali para eles, era muito ruim porque era extremamente incômodo “ como eu sou tímido, eu não fico à vontade aqui.” Então esse incômodo cria uma tensão que talvez.. talvez essa tensão seja mais próxima da vida real e do documentário do que eu imaginava antes.

Douglas Mansur

A fotografia para mim ela é um processo pedagógico que ela caminha junto com a política, toda foto.

Eu fiz uma exposição sobre fotos que é “ Aprendiz de Sonhadores” de criança de rua e de criança de acampamento. Então mostrando, fazendo essa discussão na sociedade que a criança de rua tem uma falsa liberdade que está livre... mas ela nunca chega a ser grande. Ou ela volta para casa ou é assassinada, então ela se perde, não dá para se ter esse acompanhamento de uma criança de rua. Ao passo de que a criança de acampamento, ela está lutando por terra, liberdade... Se ela não conseguir a terra, ela lutou por algo, e está perto da família. Essa esperança da criança de acampamento é muito mais forte do que uma criança de rua. Então é para mostrar esse embate. Quando eu comecei os acampamentos não tinham escola, e hoje em dia todos os acampamentos do Movimento Sem Terra tem escola, é primordial. Nenhuma fica sem estudar no acampamento, então isso que queremos mostrar para o juiz, para os juizes, quanto para a sociedade.

Elisangela Leite

Vamos mostrar o que é que acontece dentro da favela? Em torno da favela, na periferia da favela, vamos mostrar o outro lado ? Vamos deixar as fotos mais violentas de lado ? Vamos mostrar as pessoas no seu cotidiano que é igual a quem mora em zona sul, tem vida, que tem alegria... Que vive intensamente ali o seu dia a dia, que trabalha, tem lazer ... Aí eu tento buscar um pouco também esse lado.

Ratão Diniz

O que a fotografia me proporciona, o que a fotografia representa para mim é justamente essa ferramenta de aproximar pessoas.

Se ela vai mudar a história dessa pessoa, não sei, mas de alguma forma eu quero poder ouvir e contar essa história essa versão e além contar outras histórias, fazer esse balanço esse contraponto de que a mídia só bate, só dá porrada de um lado, então a gente quer contar a nossa versão dessa história.

Tornaghi

Quem disse que artista não pode ser filósofo ? A materialidade da imagem também pode ser reflexiva.

AF Rodrigues

Hoje nós, fotógrafos populares, fotógrafo de rua, fotógrafo, repórter está construindo uma nova forma futura de contar histórias.

A gente está contando versões da mesma coisa e isso está incomodando, está tirando poderes está diminuindo o poder e referências de verdade. É reconhecendo valor nos feitos, nos fazeres desse cidadão. Ela é da maré mas ele está em vários lugares do Brasil e várias favelas.

Vitor Dragonetti

Tem uma foto aqui no portfólio, de um cara que ele tem um pingente de arma sustentado por moedas e é uma foto que eu gosto bastante. E eu fiz essa foto, dei a foto pra ele e ele me deu um colar desse. Esse ensaio se chama “21/12/12” que eu fiz no dia 21 de dezembro de 2012. Nesse dia eu acho que eu comecei a me apaixonar muito por fotografia porque eu criei uma história ali e eu percebi que a realidade é muito relativa, são realidades e que a gente pode desconstruir ela. Então acho que foi depois desse ensaio que eu comecei a realmente criar essa identidade.

Alex Ribeiro

Eu estou produzindo um documentário, junto com um grande amigo também, um excelente fotógrafo, o Fábio Teixeira. E nós estamos produzindo um documentário que é em foto e vídeo. A gente busca relatos de pessoas que sobrevivem ao extremo da vida. Recentemente a gente visitou a Vila Mimosa, e fizemos um trabalho das garotas de programa contando a vida delas.

Ana Carolina Fernandes

Você tem que ter uma cumplicidade, você tem que ter sido aceita em determinado grupo que você está fotografando, independente de ser homem ou mulher. E eu faço alguns trabalhos documentais. Esse trabalho que eu fiz com as travestis aqui da Lapa era ótimo porque era uma casa só de mulheres e eu lá... Muitas me chamavam de Amapoa, ou Mapoa, que é uma palavra de origem africana e, é como os homossexuais chamam as mulheres. E elas me chamavam de Amapoa e quase o trabalho te chamou Mapoa ou Amapoa.

Eu tenho um fascínio pelo mundo “outsider” de uma maneira geral.

Antônio Terra

No processo da vida eu comecei a olhar o meu arquivo, perceber o meu arquivo, o que eu tinha de negativos, o que eu tinha de cópias prontas, feitas. Então eu abria as caixas e percebi que sempre tinha um óculos. E os fotógrafos que eu trabalhei normalmente eles pediam sempre para as pessoas tirarem os óculos delas e eu dizia assim: “bem, eu acho que quando eu for fotógrafo, eu seu for fotógrafo, eu não vou tirar os óculos de ninguém.” e quando eu abria essa caixa eu via essa fala eu vi esse meu momento, então eu pensei em fotografar pessoas de óculos. Mas quem? O mundo é gigante, todas as pessoas usam óculos... eu preciso fotografar pessoas negras que usam óculos.

Porque nesse processo todo que eu vivi de revistas, editoriais de moda e etc e tal, não tinham pessoas negras e nem de óculos. E eu falei: “ acho que está na hora de você assumir o que você sabe, o que você aprendeu e quem é você.”

Eu sou uma pessoa antes de ligar a câmera e quando desligo a câmera e as luzes, eu sou uma outra pessoa, quando eu fotografo essas pessoas.

Eu fiz o Faces a partir de uma relação que eu tive com as comunidades quilombola, e eu fui buscar a ancestralidade presente nessas comunidades. Eu já tinha feito uma série de fotografias do dia a dia deles, a relação de vida, de trabalho, de lazer aquela coisa toda... Tirei eles do contexto com um fundo preto, levei uma luzinha marcada no rosto e comecei a fotografar. Caras nas primeiras fotos teve uma senhora que com os olhos claros ela olhava e ela não lembrava que tinha os olhos claros e aí aquilo ali foi louco, né? A pessoa não conseguia se ver ela não se via, ela não lembrava como que ela era e o incrível que eu achei desse trabalho é que foi quase que instantâneo. Muita daquelas pessoas eu fazia 2 fotos, não é brincadeira, eu fazia 2 fotos. Que o ator parava de ante mim, olhava pra mim com aquela verdade deles, parava fazia uma foto, olhava, fantástica ... Fazia outra, porra.. não precisa outra, tá bom obrigado, outra pessoa .. e foi assim desse jeito.

Renan Cepeda

O 'Vão de Almas' é um lugar, no norte de Goiás fronteira com Tocantins, onde há uma comunidade quilombola muito grande que é o grupo Kalunga. Foi uma experiência muito interessante porque em pleno século 21 havia um povo que vivia assim independente, um povo absolutamente ligado à natureza, aos sistemas de produção a toda economia que a natureza oferece e que era isolado de mercado de consumos e isolado das notícias... e quando eu resolvi fotografá-los, o seu Albertino, que é um líder comunitário, que me hospedou.. Eu perguntei a ele se eu poderia fazer uma fotografia dele e ele “claro!” e eu fiz um retrato dele e queria fazer o retrato nas outras pessoas, só que o pessoal ficava vendo eu passar lanterna no seu Albertino e achavam que aquilo ali era uma espécie de bênção de vudu, achavam esquisito e ficaram um pouco arredios. E quando a gente faz um retrato em light painting a pessoa tem que ficar parada, eu peço para ele não se mexer. E aí quando eu fiz mais um retrato dele eu mostrei pro pessoal... Ah rapaz, aí fez fila, fez fila para fotografar e eu fiz o projeto em uma noite só.

E era interessante porque os adolescentes queriam aparecer na foto de uma foto que eles não eram na verdade. Eles usavam meus óculos escuros, queriam usar o boné, queriam colocar a melhor roupa, eles queriam se parece com os bad boys.

Maria Ribeiro

As histórias que se ouvem do sertão são histórias masculinas, são sempre sobre os vaqueiros, sobre os cangaceiros, terra de cabra macho, a terra dos violonistas, dos artistas, dos contadores de histórias, sempre 'Os'. E as mulheres do sertão elas são verdadeiras fortalezas e elas guardam um universo muito profundo, pequeno, mas muito profundo. São as benzedoras, são as rezadeiras, as parteiras, as raizeiras, as poetisas, as sanfoneiras, as contadoras de história.. Aquelas que rezavam o terço e cantavam, faziam farinha de

mandioca, que lavavam a roupa ali na beira do rio... Então elas tem um universo muito rico e que foi muito deixado de lado, são histórias que não são contadas. Então com certeza o meu olhar era totalmente resultado do que eu sou.

Flávia Correia

Eu sou fotógrafa, não sei se posso chamar de fotógrafa residente, mas fotógrafa de um evento que acontece aqui que é o encontro de cultura afro brasileira chamado África Diversa. Em 2011 foi a primeira edição e entre os convidados, dessa primeira edição, estava as Guardas de Congado de Minas Gerais, de Oliveira mais precisamente. E a gente teve essa oportunidade de fazer esse primeiro momento na praia de Copacabana. Muitos deles que fazem parte do Congado, nunca tinham visto o mar, e eu entendi que parte daquela emoção que eles estavam vivendo naquele momento, talvez tivesse haver com o fato da história da santa ter vindo do mar, que aquele horizonte que eles estavam vendo ali, naquele horizonte existia a África, e todo esse passado. Então enquanto eu fotografava eu observava a emoção dessas pessoas que era muito forte, muitos ali quem estava ali representando rei e rainha, a capitã, todos estavam extremamente emocionados. E teve alguns detalhes como quando uma senhora abaixou, encostou e tocou naquela água e eles olhavam apaixonados, infinitamente emocionados, aquilo ali foi uma das coisas que me tocou mais nesse trabalho.

João Machado

Assim que eu cheguei de Xique-xique eu fiquei 5 meses desempregado em Guarulhos, e meu irmão trabalhava em uma obra, tinha outras pessoas também de Xique-xique que trabalhavam lá. E um deles me ofereceu uma câmera e eu sem intenção nenhuma eu comprei essa câmera, ele precisava fazer uma viagem, e essa câmera acabou mudando totalmente a minha vida.

E quando eu tinha férias eu voltava para Xique-xique a minha cidade natal, e a partir daí eu comecei a fotografar lá mas de forma despreocupadas. Fotografando, trazendo o material e quando me dei conta já estava muito envolvido.

Antonello Veneri

Eu quase exclusivamente fotografo em cores porque eu acho uma escolha, eu falo, é uma escolha política. Porque quero mostrar o lado de vida. Os fotografados sempre tem que ter um retorno humano. Fotografia tem que ter uma troca de sentimentos e olhares.

Alcione Ferreira

Na relação com as pessoas ou com as coisas, em que eu enxergo o humano nas coisas, são essas coisas que me captam. Acho que é menos eu que vou lá e capto, acho que é um movimento contrário, é como se você pudesse causar um choque. Talvez isso eu procure com poesia e potência. Aí você é levado.